



ESCOLA POLITÉCNICA DA USP

Departamento de Engenharia de Telecomunicações e Controle

PTC 3214 – Realidade e Probabilidade

Data: 08/05/2017

RESENHA DO LIVRO *FREAKONOMICS*

Aluno: Lucas Ribeiro Ferreira Julio

NºUSP: 7131472

Em seu livro *Freakonomics*, o autor Steven D. Levitt propõe-se a analisar, conforme indica logo no subtítulo da obra, “o lado oculto e inesperado de tudo que nos afeta”. A proposta soa ambiciosa, e tanto nas páginas do prefácio quanto nas do texto curto que antecede o primeiro capítulo, fica evidente uma das consequências de tal objetivo amplo e abrangente da obra - sequer o próprio autor consegue definir um tema unificador da mesma.

No papel de leitor, ousou tentar definir tal tema: trata-se da busca por *causas* dos mais diversos fenômenos - não apenas os econômicos, como seria de se esperar da obra de um economista, mas também os de naturezas sociais e pessoais. Ao longo do texto, tal busca é realizada por meio de diversas ferramentas, dentre as quais destacadamente figuram: a análise dos processos de tomadas de decisão nas micro e macro relações humanas; o método econômico de modelagem de problemas, e; a aplicação da teoria dos jogos no entendimento do comportamento das pessoas – embora curiosamente não ocorra *uma menção sequer* à dita teoria no decorrer do livro todo.

Para isso, o autor deixa claro estar desvinculado de moralismos e do chamado “politicamente correto”. A capa da sétima edição brasileira inclusive conta com o segundo subtítulo “as revelações de um economista original e politicamente incorreto”. Sou particularmente contrário a essa definição, uma vez que aquilo que consta em seu livro não é o que Levitt defende como moralmente correto, como desejável em nossa sociedade, mas sim como ele acredita ser. Diferentemente do que faz Platão em *A República* (que é uma dentre várias obras citadas), não é um modelo de como a sociedade *deveria* funcionar que é apresentado, mas sim um modelo de como ela

funciona. Vale destacar, no entanto, que o autor não desconsidera o impacto que as ideias de moralidade têm sobre as pessoas. Em sua representação realística, inclusive, a moral aparece como mais um estímulo, que compartilha – e por vezes disputa – a importância dos estímulos econômico e social

O primeiro golpe ao “politicamente correto” é desferido logo nas primeiras páginas, nas quais o autor estuda a queda das taxas de criminalidade nos Estados Unidos do fim da década de 90 utilizando uma variável até então desprezada pelos demais analistas do tema: a legalização do aborto vinte anos antes do tempo escrutinado. Associando o já bem conhecido fato de que as chances de que uma pessoa se torne um criminoso são maiores se as condições de vida da mesma são piores ao fato de que a maioria dos abortos havia sido praticado por mães que encontravam-se em situação de fragilidade social, Levitt conclue que a queda de tal índice ocorreu justamente porque aqueles que praticariam o crime tiveram sua taxa de nascimento reduzida. Utilizando dados estatísticos – o que torna-se uma constante ao longo do livro -, Levitt sustenta essa tese polêmica, mas difícil de refutar.

No intuito de defender essa modelagem mais realista dos mais diversos fenômenos sociais, pessoais e econômicos, Levitt analisa com especial afinco a ocorrência da trapaça com uma série de micro teses emblemáticas. No âmbito dos exemplos apresentados, que vão de engodos realizados por professores sob certas condições aos elevados preços cobrados por especialistas prestadores de serviços, o autor apresenta estatísticas de maneira sofisticada e inteligente. Um exemplo disso é a análise feita sobre as probabilidades de lutadores de sumô vencerem combates contra oponentes em situações variadas. Procurando demonstrar a validade universalizada de

suas conclusões, o economista não teme por a prova a honra dos atletas desse esporte, considerado sagrado no Japão e, portanto, supostamente acima da mazela da corrupção.

O escritor mostra que, devido a uma série de estímulos que os lutadores recebem enquanto permanecerem no topo do *ranking*, muitos deles estão dispostos a trocar favores entre seus pares para manter as posições privilegiadas. E como evidência disso, apresenta as estatísticas de resultados de lutas decisivas e não-decisivas em relação à manutenção de tal *status*, que levam à seguinte conclusão: quando uma derrota para um lutador – e conseqüente vitória do oponente - não acarreta em perda das várias benesses por ele conquistadas - mas impede que seu oponente perca as benesses dele - , tal lutador está estatisticamente mais inclinado a perder, pois quando estiver em situação oposta – ou seja, quando a vitória lhe for essencial para continuar a desfrutar dos luxos da alta colocação - poderá contar com a “boa vontade” de seu oponente, por assim dizer.

A partir da leitura, interpreto que Levitt tenta mostrar o seguinte: dado que exista um particular equilíbrio de estímulos entre jogadores disputando por um recurso limitado, condutas moralmente condenáveis (como um atleta recorrer a *dopping*, ou um trabalhador honesto furto de broas vendidas por meio um sistema que não dependa de alguém fiscalizando a transação) não ocorrem por decorrência de falhas de caráter dos agentes responsáveis por estas ações, mas sim por falhas no sistema nos quais tais agentes se encontram.

Em outros momentos, o autor discute a relevância da informação em nossa sociedade. Introduzindo o capítulo com uma análise da infame Klu Kux Klan, ele prossegue debatendo sobre a importância de deter conhecimentos privilegiados – mais especificamente, como sustenta nas páginas que seguem, da importância que os

especialistas atribuem, saibam eles ou não, ao esforço que fazem para manter os não-especialistas privados de informações. Utilizando o conceito econômico da assimetria de informações durante uma transação, Levitt debruça-se sobre este tema avaliando como os corretores de imóveis e os médicos cirurgiões aproveitam-se do medo que a falta de dados causa naqueles que os contratam, utilizando este receio em favor próprio ao propor soluções que raramente são as melhores para seus clientes, mas que certamente são muito boas para si próprios. Uma das evidências mais fortes do impacto disso foi a queda dos preços cobrados por seguradoras em diversos planos a partir da popularização da internet.

Consoante com o espírito generalista, descritivo e afeito ao tema do ilícito, há ainda um capítulo inteiro dedicado à comparação de salários em carreiras aparentemente muito distintas. Ao analisar a estrutura mercadológica do comércio de crack, Levitt compara a estrutura deste crime organizado com a da rede de redes de *fast-food*, sempre lançando mão do ferramental econômico. Desta vez, o autor mostra os fatores que influenciam no salário de uma atividade – a saber, a periculosidade da atividade, o retorno esperado, a oferta e a demanda da mesma – para explicar o fato inusitado e contra intuitivo de a maioria dos traficantes ainda morar com os próprios pais.

Desse modo, concedo ao livro vários méritos, sendo alguns deles: o de me fazer mais atento às motivações que conduzem as pessoas em suas tomadas de decisões; o de me mostrar como é possível tentar modelar de maneira matemática e probabilística estas motivações ao isolar de modo perspicaz as informações disponíveis sobre tais fenômenos e; o de apresentar que tais teorias podem explicar comportamentos tão aparentemente diversos e distintos sobre uma mesma lógica.

Embora ainda considere o autor em certa medida arrogante em algumas passagens por enunciar seus achados como “a verdade subjacente” – e não, como me parece mais apropriado, como um modelo mais refinado e *provavelmente* mais próximo do que seja o real -, considero que esse espírito de busca pela verdade subjacente torna a leitura extremamente esclarecedora e bem orientada. Ainda, ao utilizar exemplos tão cotidianos e onipresentes em nossas vidas, Levitt consegue tornar a leitura fluida e agradável, qualidades raras entre textos de economistas.